

FOTOGRAFIA DE PEDRO LOUREIRO

A photograph of a man with glasses, wearing a blue and white plaid shirt, khaki pants, and brown shoes, sitting on a long, low white bench. He is looking out of a large window on the left. The room is bright and minimalist, with white walls and a highly reflective floor that shows a clear reflection of the man and the bench. The overall mood is contemplative and serene.

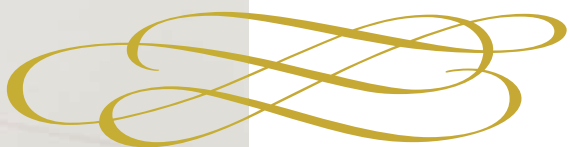
HOJE JÁ NÃO É TEMPO

# ANTÓNIO MANUEL PIRES CABRAL

**S**ão cinco da tarde. O sol recorta os montes, em fundo, contra o azul do céu. Tenho um poeta por motorista e há nisso qualquer coisa de paradoxal: simultaneamente simbólico e desajustado. O trânsito, ordeiro, flui tranquilamente. Sobre a ponte metálica que une as duas margens do Corgo – ligando a zona histórica de Vila Real à parte nova onde cresceu a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro –, ficamos retidos por instantes num semáforo. A ponte é estreita e os automóveis só circulam num sentido de cada vez. António Manuel Pires Cabral, com um sorriso, ironiza: «Também já cá temos disto.» Refere-se à pequena fila de automóveis, esperando que volte a acender-se a luz verde. Um semáforo *inteligente*, explica o poeta. «Parece que mede de que lado há mais trânsito para calcular durante quanto tempo se mantém aberto.» Julgo detectar-lhe um grãozinho de orgulho na voz. Tal como quando aponta o autocarro que passa: «E também já cá temos transportes urbanos.» A cidade cresceu muito nas últimas décadas. Já não é a isolada capital de distrito para onde se mudou no ano em que publicou o primeiro livro, *Algures a Nordeste*. Até 1974 tinha vivido em Macedo de Cavaleiros, à excepção do tempo que passou em Coimbra, como estudante. Foi durante esse período que publicou os primeiros versos. O lastro transmontano, no entanto, nunca o abandonaria. É aqui que se sente bem, repete, enquanto me guia numa viagem literária com mais de três décadas, em que tanto cabe a poesia, como o romance, o conto ou o teatro. Em que cabe também o trabalho como assessor cultural da câmara, primeiro, e agora a direcção do Grémio Literário Vila-Realense. Não haverá em Vila Real quem não saiba que António Manuel Pires Cabral é o escritor da cidade. Uma reputação que, a nível nacional, não terá ultrapassado ainda um certo círculo de «iniciados». Apesar dos elogios e dos prémios (e embora tenha obtido maior divulgação nos últimos anos com a edição de uma antologia pela Assírio & Alvim e com a publicação dos livros mais recentes pela Cotovia), o autor de *Antes Que o Rio Seque* (poesia reunida) e de *O Cónego* (romance publicado no ano passado) é um escritor que tem tudo para ser ainda uma extraordinária revelação para muita gente.

ENTREVISTA DE CARLOS VAZ MARQUES

## DE POETAS LAUREADOS



### O que é que tem contra os poetas?

Não tenho nada contra os poetas. São meus companheiros de ofício. Tenho imenso respeito por eles. Suponho que a sua pergunta terá sido despoletada por aquele poema que abre *As Têmporas da Cinza*, dizendo que «os poetas são os piores de todos nós».

### É uma pergunta provocatória, evidentemente.

Claro. Repare, essa é uma frase que deve ser lida por antífrase. Os poetas são os melhores de todos nós. São aqueles que nos abrem perspectivas de pensamento. Aqueles que, de alguma forma, nos ajudam a compreender um bocadinho melhor este mistério tramado – *tramado*, é realmente o adjectivo – que é a vida. Nem tudo pode ser lido literalmente.

### Não teme que um leitor ocasional possa levar esse seu verso à letra?

Temo. E até temo que alguns críticos o possam fazer, também. Como aconteceu, de resto, com alguns poemas que aí aparecem, que foram classificados de *humor negro*. Na verdade, não é nada humor negro. É precisamente o contrário. É a expressão de uma angústia tremenda. Não tem nada a ver com humor negro.

### Ainda voltando à sua relação com os poetas: num livro anterior comparou-os com ratos, por exemplo.

Também. Mas essa é uma espécie de autoflagelação que, na verdade, também se destina a ser lida a *contrario sensu*.

### Também já lhes chamou «oficiais do danoso ofício das metáforas».

Exacto. Mas é sempre a mesma coisa. É sempre a mesma ideia. Eu tenho muito orgulho na minha condição de poeta. E tenho muito respeito pelos poetas todos, em geral. Agora, não exijam ao poeta que ele fale por linhas direitas. O poeta tem de falar, realmente, por linhas tortas. Quando ele parece ser cáustico, etc., às vezes está apenas a disfarçar a sinceridade.

### A dor que deveras sente, como na «Autopsicografia», de Fernando Pessoa.

Exactamente. A sinceridade que desejaria transmitir.

### Há nessa forma de se referir a esse seu «danoso ofício»...

O danoso ofício das Letras.

### Das metáforas. O «danoso ofício das metáforas».

Exacto. Das metáforas. O que é muito melhor do que das Letras. [*Riso*.]

### Já agora, um parêntese: que dano é que as metáforas podem causar?

Bem, não causam dano. Mas podem desviar-nos da compreensão rectilínea da realidade. As metáforas, de alguma forma, fizeram-se para disfarçar a realidade. Nessa medida, uma metáfora é um embuste. O que não significa que seja realmente danosa. Pelo contrário. Quando a gente está em frente de uma metáfora bem arrumadinha sente um prazer estético extraordinário.

### Há metáforas mais adequadas do que outras.

Naturalmente que há. Não me peça exemplos que eu não estou preparado para lhos dar. Mas a gente distingue bem uma boa metáfora de uma má metáfora. A expressão «um fio de azeite», no limite, é uma metáfora.

### Lembro-me de um texto do Ruy Belo em que ele dizia que foi um poeta que inventou expressões que hoje são correntes como «o nascer do Sol».

Exactamente. Ou como «as costas da cadeira» e «o fio de azeite». Tudo isso, à partida, são metáforas. Mas não têm uma carga poética.

### A tese do Ruy Belo era de que da primeira vez que foram ditas essas expressões eram poesia.

Ah, sim. Depois, essa poesia banalizou-se com o uso. Mas estou inteiramente de acordo. Para dizer «o nascer do Sol» foi preciso ter engenho poético. Tal como «o fio de azeite», de que lhe falo uma vez mais. É preciso engenho poético. É preciso um mecanismo mental... Mental? Poético. Um mecanismo que lhe diga que aquilo pode ser comparado a um fio. Que à falta de palavra melhor, podemos chamar «fio» àquilo. À partida é poesia pura.

### Como as «cordas de chuva».

É poesia. Depois, naturalmente, banaliza-se e deixa de ser poesia. Passa a ser um fenómeno de linguagem corrente.

### Fizemos um desvio na conversa mas eu ainda queria fazer-lhe mais uma pergunta relativamente ao seu mecanismo de depreciação...

Olhe que eu não tenho nada contra os poetas. Pelo contrário. Estaria a falar contra mim próprio.

### Há nesse mecanismo algo daquilo a que se chama «autodepreciação» e que tem sido muito usado, por exemplo, pelo humor?

É uma forma de autoflagelação.

### A autodepreciação é um recurso por meio do qual alguém diz sobre si próprio algo que rouba ao interlocutor a possibilidade de ser ele a fazer um comentário depreciativo. É isso que se passa nos seus poemas?

Pode ser. Tudo isto se joga muito na área do inconsciente ou do subconsciente. Na origem de tudo isto pode estar, inconscientemente, esse desejo de anular os argumentos que os outros tenham contra nós, poetas. Eu definiria isso como uma espécie de pequena perversidade que tem um intuito puramente poético e que de modo nenhum pode ser entendido à letra.

### É por vezes um recurso humorístico, também?

Também.

### Pode ser entendido como uma forma de sabotagem de uma certa grandiloquência poética.

Sim. Mas tudo isso tem de ser lido com cautelas. A metáfora é a tal pequena perversidade do poeta. Se for tomada à letra, se você imaginasse que eu estava a chamar «ratos» aos meus colegas poetas, de facto seria melhor fechar a oficina e mudar de ramo.

### O que está em causa aqui é o papel do poeta nos nossos dias; a sua poesia tem sido lida como uma

### forma de pôr em causa a imagem do Poeta com «P» maiúsculo. Isso é um processo consciente?

É consciente, de facto. O tempo da poesia grandiloquente já lá vai. No século XXI não se pode escrever da mesma maneira que se escrevia nos séculos XX, XIX ou XVII. Com todo o respeito pela maneira como se escrevia então, pela pose que o poeta assumia, de grandiloquência. Isso são coisas que correspondem a determinadas épocas, não tenho nada contra. Agora, a minha poesia é uma poesia que de alguma forma – eu atrever-me-ia a dizer: conscientemente – desmistifica essa grandiloquência. Tenta trazer a poesia para o rés das coisas. Era esta a ideia que eu queria que passasse: *a poesia entendida ao rés das coisas*. Por acaso, até acho graça a esta expressão.

### O papel do poeta tem mudado com os tempos?

Possivelmente, sim. Hoje já não é tempo de poetas laureados. Numa certa época, havia um cortesão que fazia anos e o poeta laureado encarregava-se disso. Hoje, esse tipo de poeta já não existe.

### Estava a pensar numa mudança em relação a um período mais recente; em relação ao século XX, por exemplo.

Penso que em relação a um espaço de tempo tão curto, não. O papel do poeta é o mesmo. Agora, as armas de que se serve é que poderão ser, eventualmente, outras. A função que eu me atribuo como poeta é, sobretudo, a de reflectir e ajudar os outros a reflectir. Se conseguirmos ajudar os outros a reflectir através de uma utilização engenhosa da linguagem, tanto melhor.

### Não vê uma mudança no último meio século...

De finalidade, de papel? Não.

### Deixe-me explicar porque é que lhe coloco a questão assim. Já houve um crítico a apresentá-lo como uma espécie de reverso de Torga.

O Torga era um bocadinho declamatório, nesse aspecto de se proclamar...

### Aceita esse papel de contraponto de um poeta como Miguel Torga?

Eu não gostaria de ser contraponto de ninguém. Gostaria de estar lado a lado com ele, cada um no seu próprio caminho. Conscientemente, não procuro ser contraponto de ninguém. O Torga encarava a poesia da maneira que encarava. Não tenho propriamente objecções a fazer a isso. Mas já que falamos em Torga, se calhar nem é enquanto poeta que ele recolhe as minhas simpatias. É muito mais enquanto contista e enquanto diarista.

### Curiosamente, o António Manuel Pires Cabral foi o impulsionador da comissão instaladora do Centro Cultural Miguel Torga.

Continuamos a considerar o Torga como um dos nomes mais capazes de aglutinar as vontades transmontanas e durienses para fazer seja o que for. Foi um pouco essa a ideia que presidiu à criação do Círculo Miguel Torga. Tentar juntar os transmontanos. Partindo depois – a expressão é horrível! – do *culto* de Miguel Torga... A palavra é horrível, de facto.



**Mas usá-la significa uma forma de aceitação desse papel dele.**

Entendemos que ele, de alguma forma, dá voz e corporiza muito da maneira de ser dos transmontanos. Aliás, fui eu que inventei o título da revistinha que depois saiu: *Torga, a Terra Feita Voz*. É um título de que me orgulho. Gosto dele. Significa que Torga é de alguma forma uma emanção poética da terra. **É um título que participa desse culto, apesar de considerar a expressão horrível.**

Exactamente. Participa desse culto.

**O que parece contraditório.**

Pois. Mas o que nós queremos é saltar daí... Queríamos, na altura. Agora, não sei como é que está o Círculo Miguel Torga.

**Afastou-se?**

Não me afastei mas não tenho participado directamente. Tenho outras ocupações que nem sempre

mo permitem. Penso que o Círculo está, neste momento, com uma actividade relativamente abrangida. A ideia era, justamente, partir dessa espécie de *veneração* – que também é uma palavra muito forte – de Miguel Torga, para conseguirmos dar um salto no sentido de desencadear acções que permitissem fazer avançar esta terra. Do ponto de vista cultural mas também económico.

**Isso, ao mesmo tempo que na sua poesia, o A. M. Pires Cabral participa de uma certa despromoção – mesmo que irónica – da ideia tradicional do poeta.**

Pois, disse bem. Tudo isso é irónico. E a ironia não é para uma leitura imediata, literal, que sabota totalmente a intenção do autor.

**Quando escreve, em *Douro: Pizzicato e Chula*, os versos «um pouco mais humanos / um pouco menos poetas»...**

Você, caramba, está terrível. [*Riso.*]

**Eu leio-o.**

Pois, preparou-se bem. Se calhar aí... Bom, o mecanismo é sempre o mesmo: depreciar com a intenção de valorizar.

**Quer pôr em causa uma certa entronização da figura mítica do poeta?**

Acho que essa é uma boa expressão. É realmente trazer o poeta para uma dimensão humana.

**Isso é um desejo de que seja assim ou a constatação já de uma impossibilidade de continuar a conviver com essa ideia do poeta mitificado, laureado?**

Penso que ainda os há, por aí. Há alguns que até se laureiam a si próprios e que se mitificam a si próprios. Todos nós sabemos de exemplos. Não lhos vou dar, naturalmente. Mas todos sabemos de pessoas que levavam muitíssimo a sério o seu papel de poetas. E levam. Estava a usar o passado porque pensava num poeta falecido ainda não há muito tempo. Mas não lhe vou dizer o nome porque isso é terrível. Não quero abrir brechas, nem frentes de polémica.

**Há cuidados especiais a ter no círculo dos poetas?**

Sabe, dizia uma vez alguém em Mateus que os poetas são levados da breca. Cada um considera-se, um pouco, o centro do mundo. São muito susceptíveis. Mas há poetas e poetas. Considero-me poeta, mas de forma nenhuma assumo esse papel de poeta mitificado, que entende estar no centro do mundo, a quem todas as deferências são devidas e de cuja boca, sempre que a abre, saem pedaços de ouro. Acho que o poeta tem de ser sempre e cada vez mais humano. Uma pessoa. Agora, é uma pessoa que tem dons especiais. Também não podemos negá-lo. Tem o dom de dizer as coisas de uma outra maneira, como o homem comum não diz, mas que é susceptível de ser entendido pelo homem comum.

**Usou a palavra «dom».**

É um dom. Acho que sim. A poesia é um dom.

**Isso remete para uma ideia romântica da poesia.**

Não. Remete para uma realidade em que eu acredito. Não quero saber se é romântica ou de outra época qualquer. De facto, há coisas que nascem connosco e que nós umas fazemos florescer, outras não. Isto não só em relação ao poeta. O carpinteiro também nasce com um dom. Não é só oficina. De resto, o poeta também precisa de oficina. Mas a arte do carpinteiro não é só uma questão de técnica. Tem de ter também qualquer coisinha que o empurre para aquela profissão, para fazer coisas bonitas.

**C**ONSIDERO-ME POETA, MAS DE FORMA NENHUMA ASSUMO O PAPEL DE POETA MITIFICADO, QUE ENTENDE ESTAR NO CENTRO DO MUNDO E DE CUJA BOCA SAEM PEDAÇOS DE OURO. O POETA TEM DE SER CADA VEZ MAIS HUMANO. UMA PESSOA. AGORA, É UMA PESSOA QUE TEM DONS ESPECIAIS.



# VILA REAL É UMA CIDADE À MINHA MEDIDA. TENHO UMA LIGAÇÃO MUITO FORTE À ANGUSTIADO ME SINTO. ENCONTRO ENTRE TRÁS-OS-MONTES, A BEIRA BAIXA E O

**É algo que pertence ao domínio da inspiração?**  
É um pouco isso também. Acredito na inspiração porque não faço poemas quando quero. Embora às vezes possa forçar um bocadinho, depois lá se nota. No final percebe-se: «Olha, isto é forçado.» Mas há momentos em que tudo flui muito mais facilmente.  
**Quando é que para si costuma fluir com maior facilidade?**

A inspiração não tem hora. Não se faz anunciar. Não bate à porta como o carteiro.

**Como é que detecta esses momentos especiais?**  
Quando me nasce uma frase na cabeça e eu digo: «Olha, isto é bonito, isto é capaz de dar um poema.» Então, nessa altura, sento-me, escrevo e enquanto flui, flui. Quando deixa de fluir paro de escrever.  
**Os seus livros mais recentes são todos de tal modo estruturados, com uma unidade tão conseguida, que se percebe que há ali muito trabalho...**

Tem de haver muita oficina, tem.

**Parecem ter pelo menos tanto trabalho como inspiração.**

Sim. Mas há sempre um ponto de partida que vem da inspiração. Há qualquer coisa que num dado momento nos sopra um verso ao ouvido e, pronto, a gente pega nisso e, na oficina a que se refere, vai

tirando, vai desbastando aqui, vai pondo além. Às vezes, chega-se ao fim e verifica-se que aquilo que se fez sabotou totalmente o momento inicial, aquele momento de graça. Pronto, deita-se fora e espera-se que venha um novo momento de graça.  
**O maior prazer da poesia, para si, reside nesse momento de graça ou quando, ao chegar ao fim, percebe que o tal momento de inspiração não foi, como disse, sabotado e que há ali algo que resiste e que está pronto a ser publicado?**

O momento de graça, realmente, é um momento de magia. Mas quando a gente vê o poema completo e diz «Sim senhor, isto é bom», penso que o prazer é maior. Contrariamente ao que acontecia com o Eugénio de Andrade, a quem ouvi dizer uma vez que, para ele, o momento de graça era o momento do prazer da poesia, porque depois de feito o poema, não queria olhar mais para ele. «Isso depois é uma questão de editores», dizia ele.

**No seu caso, volta aos poemas que escreveu?**

Volto a olhar para eles e, desculpe esta imodéstia, quando me parece que são bons, leio-os e releio-os. Às vezes, pego nos meus livros e volto a ler para muitas vezes encontrar coisas... «Olha, que porra, como é que eu escrevi isto, como é que caí

nesta.» Mas há outros momentos que me compensam: «Sim senhor, está aqui uma imagem bonita, uma metáfora interessante, gostei.»

**Essa sua satisfação ao reler-se tem vindo a aumentar de livro para livro ou dá-lhe mais satisfação regressar a livros mais antigos?**

É nesses mais antigos que encontro mais coisas que motivaram aquele palavrãozinho de há boca-do – o «porra». Era a verdura dos anos, naturalmente. Mas reconheço que o meu primeiro livro, *Algures a Nordeste*, é ainda um dos meus amorzinhos. Agora, essa satisfação tem vindo a crescer. Este último, *As Tempos da Cinza*, apesar de ter sido considerado pela crítica um livro funéreo e coisas dessa natureza, penso que é um ponto alto na minha carreira de poeta.

**Talvez ainda mais funéreo seja o livro que publicou em 2004, *Como Se Bosch Tivesse Enlouquecido*.**

Está na mesma linha, de facto.

**Há nessa insistência uma espécie de namoro com a perspectiva da morte?**

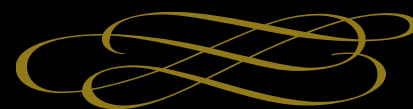
Penso que todos nós temos esse tipo de namoro.

**É uma espécie de «noivado do sepulcro»?**

Já dei por mim a pensar que é capaz de haver algo de ultra-romântico em tudo isto. Não quanto



TERRA. QUANTO MAIS PRÓXIMO ESTIVER DELA, MAIS REALIZADO E MENOS ALENTEJO QUALQUER COISA QUE DEFINO COMO SENDO *UMA ALMA*.



à forma, à linguagem, mas quanto ao pensamento que está por detrás. Considero que todos nós vamos namorando com a morte, de alguma forma. Contemplando-a. É, se calhar, uma maneira de a esconjurarmos. Não sei se já reparou que nos meus romances morre imensa gente. Os protagonistas, por definição, morrem sempre. Depois, com eles, arrastam mais três ou quatro personagens. Já tenho dado por mim a pensar: porque é que será? Eu não posso conviver com vivos? Os meus heróis, as minhas personagens têm que ser mortas? Às vezes, isto dá-me ideia que é uma maneira de me sentir o senhor da morte. Eu mato quem quero.

**Mas na poesia, é a primeira pessoa em jogo...**

É.

**Portanto, haverá aparentemente um investimento pessoal mais intenso do que o da ficção.**

Sem dúvida nenhuma. De qualquer maneira, a ideia é sempre a mesma. A morte está muito presente. Há pessoas que cantam o amor, há pessoas que cantam a amizade, o ciúme, seja lá o que for. Todos nós precisamos de uma espécie de agulhão. De um moscardo que nos morda. Não sei se sabe, a palavra «estro» – que significa «inspiração poética» – é de origem grega e significava mesmo «mos-

cardo». Tem piada. O moscardo ferrava e obrigava a pessoa a ter uma certa reacção. A inspiração chega, pica-nos e obriga-nos a escrever. É a mesma coisa. Digamos que o meu moscardo é a morte.

**Isso tem-se acentuado?**

Penso que talvez tenha atingido um ponto crítico com *As Têmporas da Cinza*.

**Essa obsessão é apenas literária ou corresponde também a uma preocupação quotidiana na sua vida pessoal?**

É uma ideia que não me abandona, de facto. É uma obsessão? Enfim, se às ideias que nos habitam podemos chamar «obsessão», diria que é uma obsessão. Mas é uma obsessão objurgatória, no sentido em que se procura negar a si própria. Pode ser que desta maneira eu esteja a conquistar aquilo a que se chama «uma morte santa».

**O que é que imagina como uma morte santa?**

Uma morte em que a gente desmaiasse definitivamente. O problema da morte não é o momento da morte em si, é o cortejo que pode trazer com ela: o sofrimento, uma quase indignidade em que a pessoa perde o que tem de mais digno...

**É «a mosca do serviço de urgência» que está num dos poemas do seu último livro.**

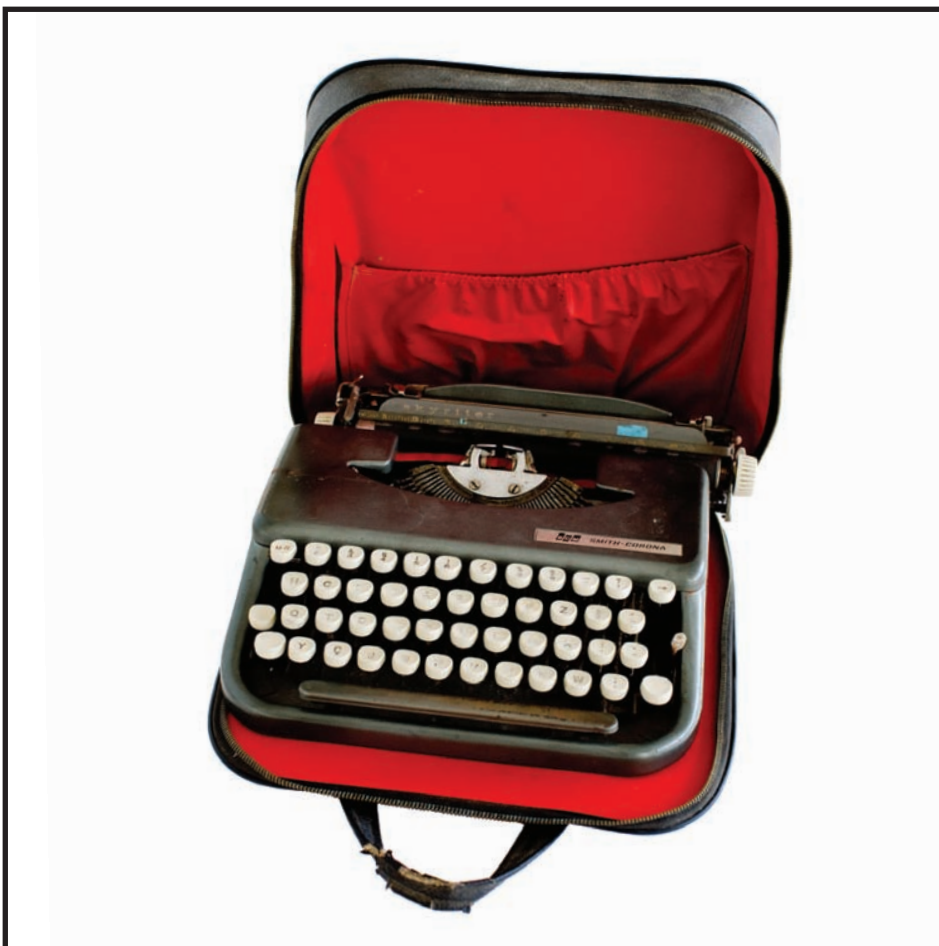
Pois, a mosca que anda a apalpar todos, a ver qual irá comer e que há-de acabar por comê-los a todos. É esse cortejo de incómodos mais do que o próprio momento da morte que inquieta. Esse momento pode até ser de libertação. Mas isso são mistérios que eu não queria, nem estes livros pretendem, aclarar. São poemas que se limitam a afirmar umas quantas coisas sobre o meu próprio sentimento acerca da morte. Depois, cada pessoa pode ou não sentir-se identificada com isso.

**Usou a expressão «mistério». Em que medida é que essa dimensão de mistério é importante na sua vida?**

O da morte, é. E o da vida. Antes do da morte, o da vida. É o mistério inicial. Tudo o que começa tem de acabar, naturalmente. O mistério da vida é um mistério tremendo. Muitas vezes interrogo-me: «Mas como é isto?» Em frente ao espelho, a olhar a minha própria imagem: «Isto é verdade? Estou aqui? Mas é só um pedaço de matéria que aqui está? Mas de onde é que vim, vou para onde?»

**As perguntas fulcrais da filosofia: quem somos, de onde vimos, para onde vamos?**

Exactamente. É esse o ponto de contacto entre a poesia e a filosofia. A poesia pode, numa linguagem



mais agradável e menos hermética do que a da filosofia, dar voz e corpo a esse tipo de perguntas. Não dá soluções.

**A sua educação foi religiosa?**

Por parte do meu pai, não. O meu pai tinha mesmo alguma coisa de jacobino. A minha mãe é que era religiosa. Vivíamos em Macedo de Cavaleiros, muito próximo da igreja. Não tinha uma pressão familiar de educação religiosa. Mas senti sempre alguma angústia em relação ao sobrenatural. De alguma forma, frequentava a igreja já com um sentimento de dúvida e de interrogação em relação a tudo aquilo que lá via. Entretanto, fui-me libertando disso que acho que é residual...

**Isso, o quê: o sentimento religioso?**

Não. De um certo modo de encarar a religião que

era aquele que me era proposto na infância. Estou a falar da religião católica. Disso fui-me libertando. **Embora *As Têmporas da Cinza* seja um título que tem origem na liturgia católica.**

Exactamente. Se calhar até foi por isso que me perguntou se eu tinha tido uma educação religiosa. Sabe, tenho uma curiosidade enorme pelas coisas da religião. Inclusivamente pela Bíblia. Frequento-a. Há livros da Bíblia que me encantam. Acho o «Eclesiastes» uma coisa lindíssima. Gosto de ler, por exemplo, o «Evangelho segundo S. João», o «Livro dos Provérbios». O «Livro de Job» é uma coisa magnífica. Claro que também há lá muita coisa sem a qual passo bem. Também não sou um venerador atento e obrigado da Bíblia. Fui-me libertando da concepção católica do mundo e da vida

mas não consegui nunca libertar-me de que é capaz de haver alguma coisa que os meus olhos não vêm na Terra. É capaz de haver uma força superior a nós que determina este mundo.

**Vamos voltar a assuntos mais terrenos. Durante décadas a sua poesia teve uma circulação muito restrita. Por vontade sua ou por força das circunstâncias?**

Por força das circunstâncias, naturalmente. Também foram as décadas da chamada «vida útil». Da vida em que tinha mais que fazer do que escrever poemas.

**Não encarava a poesia como a sua vocação central?**

Sim, mas tinha de ter o estoicismo necessário para poder abdicar dela em função das coisas que eram verdadeiramente úteis.

**Foi por isso que se manteve como «poeta confidencial», para usar a expressão de um crítico a seu respeito?**

Salvo erro, é do Manuel de Freitas. Havia em mim claramente um conflito entre aquilo a que já chamei «a vida útil» e a poesia. Reconheço que havia.

**O facto de viver em Vila Real foi determinante?**

Talvez um pouco. Por outro lado, Vila Real é uma cidade à minha medida. Nunca gostei de cidades grandes, de grandes metrópoles. Tenho uma ligação muito forte à terra. Quanto mais próximo estiver dela, mais realizado e menos angustiado me sinto.

**Uma ligação a esta terra em particular.**

Trás-os-Montes.

**Não se imagina sequer num outro meio rural?**

Difícilmente. Há certos meios rurais que me diriam muito pouco. Aveiro, por exemplo. Já por exemplo em Castelo Branco, em Idanha, encontro qualquer coisa de parecido com o que encontro aqui. Mas não me pergunte o que é. Encontro entre Trás-os-Montes, a Beira Baixa e o Alentejo qualquer coisa que não sei o que é mas que eu defino às vezes como sendo *uma alma*. Têm uma alma.

**Parece haver um ponto em comum: a interioridade versus o litoral.**

Poderá ser. Dizem que Portugal é um país de marneiros – e seguramente é, porque fizemos umas flores descobrindo mundo e indo por aí fora – mas não sinto o mínimo apelo do mar. Gosto de ir lá, estar, olhar, se calhar passear ao longo da costa durante meia hora, mas o mar não me diz nada. O que me

**S**OU MUITO ADEPTO DA LITERATURA LEGÍVEL. GOSTO DE LER SEM ESFORÇO E DE ENTENDER CLARAMENTE AQUILO QUE LEIO. HÁ EM CERTOS ESCRITORES UM TAL HERMETISMO QUE ACABA POR ME DESMOTIVAR. JÁ NÃO É O PRIMEIRO NEM O QUINTO ROMANCE QUE PONHO DE PARTE.

diz algo, de facto, é a terra. Você acaba de me fazer reparar numa coisa que é, de alguma forma uma linha que se prolonga pelo interior de norte a sul. É capaz de ser a interioridade aquilo de que gosto. **Chegámos aqui a propósito do facto de viver no interior poder ser uma explicação para o relativo desconhecimento, durante muitos anos, da sua poesia.**

Pois. Mas Vila Real acabou por me dar algumas oportunidades. Já não é aquela cidadezinha provinciana que era na altura em que para cá vim. Entretanto, alterou-se um pouco. Enfim, fui conseguindo encontrar um espaço na minha vida para a literatura. Desde os anos 90 que tenho publicado com mais intensidade. Quer o romance, quer a poesia. Os meus três primeiros livros foram edições quase «confidenciais». A palavra está certa. *Algures a Nordeste* fui eu que o publiquei a expensas próprias.

**Em relação a esse livro já contou uma história curiosa: que uma boa parte da edição é capaz de ter servido para acender umas lareiras.**

Em muitos casos terá ido parar à lareira, sim. Isto foi em 1974. Os mil exemplares custaram-me, na altura, nove contos de réis, veja bem. Era dinheiro. Eu estava a criar os meus filhos. De modo que, um dia, surge-me uma proposta que, para mim, era irrecusável. Foi uma proposta dos bombeiros de Macedo de Cavaleiros através de um dos seus dirigentes, rapaz do meu tempo. «Olha, pá, nós pagamos-te a edição, damos-te uns quantos exemplares e os outros vendemo-los para ajudar a comprar uma ambulância.» E eu: «Sim senhor, encantado.» Pagaram a edição, deram-me uns 50 ou 60 exemplares e começaram a vender o livro. Iam pelas aldeias e vendiam-no. Como se tratava de ajudar os bombeiros, as pessoas lá esportulavam, lá pagavam o livro. Mas depois o que é que faziam com ele quando chegavam a casa? Algumas lá o poriam nalguma estante que tivessem. Outros, num dia em que não houvesse um jornal para acender o lume, provavelmente pegaram no livro, rasgaram-no e pronto. A muitos exemplares terá acontecido isso. E outros fins, até, menos dignos. [Riso.] Admito que sim.

**No seu primeiro livro há um verso que diz: «Para cá do Marão manda o olvido.» Mantém-se actual?** Penso que sim. «Para cá do Marão» faz parte de um ditado muito antigo. «Mandam os que cá estão», diz-se. Mas esse verso é assim – «manda o olvido» – porque nós próprios já assumimos o «mandam os que cá estão» como uma ironia. De facto, sabemos que não mandamos nada. Continuam a mandar em nós. E esta situação não se alterou. Lembra-se disto uma vez ou duas em cada década porque é o momento de meter o voto. É demagógico dizer isto, mas é verdade.

**A esse seu primeiro livro intitulou-o *Algures a Nordeste* como uma espécie de bandeira?**

Sim. Assumo isso. Era um *livro territorial*, como disse o Manuel de Freitas. Assumo que era um

revista LER (outubro 2008)



processo de afirmação de uma região, através dos seus lugares, das suas pessoas, dos seus costumes, dos seus bichos. De tudo aquilo que caracterizava a região. Era efectivamente um grito do Ipiranga tentando contrariar esse olvido de que me queixo num dos poemas.

**Teria sido outro escritor se, por uma qualquer circunstância da vida, tivesse ido viver, por exemplo, para Lisboa?**

Não me consigo imaginar em Lisboa. Mas também não consigo imaginar uma resposta para essa pergunta. Sou uma pessoa que não raciocina bem perante cenários. Admito que fosse diferente. Mas com este meu apego a Trás-os-Montes presumo que nunca poderia aceitar uma residência fixa em Lisboa. Já o meu filho é incapaz de ficar aqui em Vila Real. Quer Lisboa.

**O seu filho, Rui Pires Cabral, que também é poeta...**

Tudo isso está nos genes, não é. Sinto que lhe transmiti alguma coisa. E não só na poesia. O Rui é, por assim dizer, uma segunda edição, melhorada, do pai.

**Visto de Vila Real, como é que descreveria o meio literário português?**

Visto de Vila Real, onde chegam relativamente poucas revistas, chega mesmo assim informação suficiente para ter uma ideia de que a literatura portuguesa está, de alguma forma, florescente. Acho que está boa e que se recomenda. Muito embora muitas vezes se tomem por boas coisas que do meu ponto de vista não o são. E muito embora, também, algumas pessoas entendam que são o umbigo do mundo e que fora delas não há literatura possível.

**Não me vai dizer nomes, mais uma vez?**

Não lhe vou dizer nomes.

**Também já não esperava outra coisa.**

Ora bem. Mas entendo, repito, que há um bom naipe de bons poetas jovens. Também de romancistas. Não vou dizer nomes.

**Não abre sequer uma excepção para referir aqueles que aprecia?**

Não. Prefiro não dizer. Dizer aqueles que aprecio

é calar os que não aprecio e corro o risco de omitir alguns de que também gosto. Estas coisas são complicadas. Os poetas são tramados.

**O meio literário é assim tão sensível?**

Eu acho que sim.

**É tão melindroso referir um nome?**

Acho que sim. Eu não queria entrar por esse caminho.

**Isso é porque sabe de coisas terríveis.**

Pois, mas não quero entrar por aí. É melhor não.

**Ainda assim, está a par do que se vai fazendo e acompanha o trabalho dos escritores mais jovens.**

Acompanho, razoavelmente. Mas também lhe digo uma coisa: eu sou muito adepto da literatura *legível*. Isto é, gosto de ler sem esforço. Gosto de ler e de entender claramente aquilo que leio.

**Quer dizer que encontra um excesso de hermetismo nalguns escritores portugueses?**

Às vezes, em certos escritores, um tal hermetismo que acaba por me desmotivar. Já não é o primeiro, nem o segundo, nem o quinto romance que fecho e que ponho de parte. Compro, vou para casa, leio, começo a torcer o nariz... Não me motiva, a leitura. Pode ser que um dia mais tarde.

**Na poesia isso também lhe acontece?**

Na poesia também. Mas acontece-me mais no romance. É talvez um pouco contraditório porque reconheço que, às vezes, os meus poemas também podem ter qualquer coisa de hermético. Isto é, estou a exigir dos outros uma coisa que, por vezes, não lhes dou. Mas é assim mesmo. Um homem é feito de contradições e eu assumo esta. Há gente que me diz «Pois, o senhor é poeta...», mas que não encontra naquilo que eu faço os traços essenciais do que entende por poesia: as rimas e a métrica e tudo o mais.

**Isso é uma admissão de que pode haver da sua parte...**

De que podem queixar-se de mim de algumas das coisas de que eu me queixo noutros.

**la pôr a hipótese inversa: a de que estivesse a admitir que poderia estar a ser injusto para com esses romances que fecha na mesma medida**

**em que são injustos para consigo quando fazem esse tipo de observações acerca da sua poesia.**

Não. Não é exactamente isso. É mais a primeira hipótese, aquela que eu pus. De facto, sou um adepto da literatura legível. Sobretudo no romance, onde eu quero que me contem uma história.

**Aquilo a que se costuma chamar «romance à século XIX»?**

O romance clássico. Houve dois ou três críticos que resolveram chamar ao meu último romance, *O Cónego*, «romance clássico». Acho bem. É clássico na medida em que é um romance com cabeça, tronco e membros. A gente sabe exactamente o que é que se está a passar, sabe porque se está a passar, numa linguagem relativamente acessível. A atitude de classicismo em relação ao romance é, se calhar, aquela que mais me convém.

**E em relação à poesia?**

Não é a mesma coisa. Repare bem, quando me foi entregue o Prémio D. Dinis, aqui em Vila Real, o Vasco Graça Moura leu um texto justificativo. Sabe que título lhe deu? «Um clássico no Nordeste.» Portanto, também reconhecem, na minha poesia, traços próprios de um certo classicismo. Fico satisfeito com isso. Se formos pôr as coisas em termos de antagonismo entre classicismo e modernismo, gosto de ser clássico. O clássico é algo de sedimentado que tem dado boas provas ao longo dos tempos. Quanto aos modernismos, sabemos o que tem acontecido a muitos deles: são fogachos de ocasião

que passam rapidamente. Como aqueles poemas experimentalistas. Tenho respeito por eles mas...

**O seu intuito é escrever algo que perdure.**

É a maneira de escapar à morte: perdurar através daquilo que faço. É mais uma forma de a esconjurarmos.

**Isto vinha a propósito do modo como observa o mundo literário português a partir de Vila Real.**

**A este respeito encontrei uma frase que lhe é atribuída: «O reconhecimento de uma pessoa, às vezes, não depende só dos seus méritos, depende do sítio onde está integrada e até das pessoas com quem bebe uns copos.»**

Sim, disse isso. Mas é uma frase de uma época em que eu, realmente, sentia isso.

**Sentia o olvido de uma forma intensa?**

Exactamente. Sentia que vivia na periferia.

**Nunca lhe passou pela cabeça desistir, dizendo para si próprio que não valia a pena o esforço?**

Não. Sabe, ao fim e ao cabo, se temos um grão de qualidade – e eu uma vez mais peço desculpa mas entendo que sim –, a qualidade acaba sempre por ser reconhecida. Tarde ou cedo.

**O que é que mudou mais, entretanto: a sua circunstância ou a circunstância do lugar?**

Vamos ver se consigo alinhar as ideias. Essa frase que citou corresponde a uma altura da minha vida em que eu aspirava a um reconhecimento público. Hoje, é-me praticamente indiferente.

**Mas hoje já começa a tê-lo.**

Exacto, mas confesso que não luto já por ele.

**Há outra aparente ironia nisso.**

Não. Eu acredito mesmo nisto. Hoje, o que quero é exprimir-me através da minha poesia e derramar um pouquinho de beleza – se é que ela a tem – pelas pessoas que me lêem. O reconhecimento que quero não é mais do que esse: que haja duas ou três pessoas que digam «Sim senhor, este gajo faz uns poemas porreiros, gosto disto».

**Na altura, queria outro tipo de reconhecimento?**

Na altura, precisava de reconhecimento. Era uma necessidade.

**Em que altura foi isso?**

Foi pelos anos 80. Perto da altura em que recebi o Prémio Literário Círculo de Leitores, em 1983.

**Curiosamente, esse período corresponde ao início de um longo parêntese seu, de 15 anos, em relação à poesia; entre 1983 e 1999 não publicou qualquer livro de poemas.**

Isso também é circunstancial. Não publiquei mas continuei a escrever.

**O que publicou, nesse período, foram livros de ficção. Por sentir que era mais fácil encontrar esse reconhecimento de que sentia necessidade?**

Talvez sim. Na altura, pensava que através do romance me poderia afirmar melhor. Porque a gente não pode fugir ao país que tem. E não estou a dizer que isso seja necessariamente mau. Realmente havia e continua a haver uma consideração social mais elevada em relação ao romance. Digamos que o romancista é o grau mais elevado da escrita.

# QUERO EXPRESSAR-ME ATRAVÉS DA MINHA POESIA E DERRAMAR UM POUQUINHO DE O RECONHECIMENTO QUE PRETENDO NÃO É MAIS DO QUE ESSE: QUE HAJA «SIM SENHOR, ESTE GAJO FAZ UNS

## DOIS POEMAS INÉDITOS DE ANTÓNIO MANUEL PIRES CABRAL

O próximo projecto poético de António Manuel Pires Cabral, ainda sem data de publicação, é um regresso às origens. Intitular-se-á, em princípio, *Algures a Nordeste, Parte Dois*. Uma «sequela», portanto, como costumam dizer os críticos de cinema dos filmes que continuam êxitos anteriores. Quarenta

anos depois de ter escrito muitos dos poemas que integraram o seu primeiro livro – que tinha por subtítulo *Catálogo de Feios, Simples e Humildes* –, o poeta propõe-se retomar alguns deles e reformulá-los. Os temas são os mesmos, os poemas serão outros. A LER revela os dois primeiros.

## VIDA

No fundo a vida é isto mesmo: este torpor desperto que a fricção dos grãos de areia vai amarelecendo.

E saudarmos de coração leal a primeira ave que nos beba os olhos.

## DE VOLTA A CASA

De volta a casa, repetes os gestos adequados ao lugar donde jamais devias ter saído.

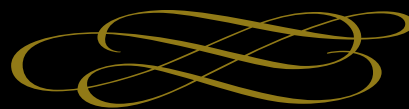
Mas a casa já não tem os ecos de antigamente. Já não responde, já não abriga, já são só paredes sem sentido.

Tudo mudou, percebes?, e és agora um sem-abrigo abrigado na tua própria casa.

Um filho pródigo para cujo regresso o pai não matou o melhor cabrito.



BELEZA PELAS PESSOAS QUE ME LÊEM.  
DUAS OU TRÊS PESSOAS QUE DIGAM  
POEMAS PORREIROS, GOSTO DISTO».



**Mesmo dizendo-se tantas vezes que Portugal é um país de poetas?**

Sim. De facto, há muita gente que escreve poesia, mas cuidado! Nem tudo aquilo que aparece com o nome de poema será poesia. Mas essa minha frase que citou era epocal. Hoje em dia isso é-me perfeitamente indiferente. Nem bebo copos com ninguém, nem luto por um lugar ao sol.

**Mas o que é que mudou de essencial?**

O meu ponto de vista. Tenho 67 anos.

**Também mudou, de alguma forma, o sentimento de periferia?**

Bem, realmente a periferia vai-se atenuando. Basta a Internet, claro. Mas não foi isso o que mudou, de essencial. Fui eu próprio. Os meus objectivos de vida já não passam por me afirmar enquanto escritor. Na altura passariam.

revista LER (outubro 2008)

**Isso corresponde à época da publicação de um pequeno ensaio de Joaquim Manuel Magalhães muito elogioso para com a sua poesia. Que importância é que esse texto teve para si?**

De cada vez que leio um texto sobre mim, nomeadamente se é simpático, isso dá-me muito prazer. Mas não retiro disso consequências a nível da escrita. Embora tenha ficado muito agradecido ao Joaquim Manuel Magalhães, que foi muito simpático comigo. Foi-o sinceramente. Não esteve a fazer frete nenhum. Ele nem é pessoa para fazer fretes.

**Conheciam-se pessoalmente?**

Não. Na altura, ainda não.

**Pondo a coisa noutros termos, para usar a expressão da sua frase: já tinham bebido uns copos?**

Não. Só estive com ele uma única vez, aqui em Matos, mas já muito depois disso.

**O facto de ele também ser transmontano, da Régua...**

Ele é transmontano porque nasceu no Douro mas, de resto, não reconheço nele traços de transmontano. Penso que é um homem mais cosmopolita do que propriamente transmontano.

**Perguntei-lhe se esse texto tinha tido uma importância especial para si porque mais tarde viria a incluí-lo na primeira antologia da sua obra.**

Essa antologia foi o Pedro Mexia que a organizou. Ele propôs incluí-lo e eu concordei. Era um texto simpático. Mas hoje em dia não corro a foguetes. Estou satisfeito com o lugar que julgo que conquistei no panorama literário português.

**Como é que definiria esse seu lugar?**

Como marginal.

**Nesse texto de Joaquim Manuel Magalhães, ele dizia – referindo-se a si – que o esquecimento a que certos autores são votados os liberta. Isso aconteceu consigo?**

Talvez sim. Era capaz de sentir uma pressão muito maior se estivesse num meio em que houvesse um reconhecimento diferente. Acho, por exemplo, que... uma vez mais não vou dizer nomes...

**Era mais simples se os dissesse.**

Pois, mas não quero. Há escritores que, de alguma forma, ficam reféns daquilo que já escreveram e que se sentem na obrigação de continuar a dar uma determinada coisa. O escritor marginal não sente essa pressão. Eu nunca a senti.

**Não tem um editor a pedir-lhe que repita uma fórmula.**

Não. Pois, era o que acontecia com o Camilo.

**Justamente, mas não é isso que faz de Camilo um escritor menor.**

Não. Mas, atenção, nota-se bem onde é que ele é grande e onde é que, às vezes, não é tão grande quanto isso. Nota-se justamente quando há aquela pressão do editor. Nota-se que o Camilo se desleixa um pouquinho.

**Continua a reler Camilo?**

A Camilo regresso constantemente. Às vezes já com a ideia daquele passo preciso, tão bem escrito. Às vezes, um parágrafo, dois parágrafos.

**Pela linguagem, sobretudo?**

Sobretudo pela linguagem. Mas também pela capacidade que tem de nos manipular. O Camilo é terrível. Manipula-nos os sentimentos. É um homem que maneja a linguagem de uma forma ao mesmo tempo espontânea e artística. O Eça de Queirós – também posso falar dele porque já está enterrado há muito tempo – também tem uma linguagem muito atractiva mas acho que há sempre, ali, algo de artificial. Nunca consigo olhar para aquela linguagem, que aprecio, sem o notar.

**Pronto, já estão os queirosianos a rogar-lhe pragas.**

Por amor de Deus! O Eça de Queirós é um grande escritor.

### **Ainda se mantém a rivalidade entre camilianos e queirosianos?**

Hoje, talvez já nem tanto. De resto, se isso ainda existisse, julgo que o equilíbrio de forças penderia para o Eça.

### **É o mundo urbano a vingar-se do mundo rural?**

E o mundo de além-fronteiras, também. O cosmopolitismo a vingar-se do provincianismo. Mas também regresso a Eça de Queirós de quando em quando. Releio um ou outro passo, de que vou à procura. Ou pego num livro simplesmente, ao acaso, e leio.

### **Já não relê um livro inteiro.**

Já li. Agora já não. Preciso de tempo para outras coisas. Agora, por exemplo, estou a traduzir para a Cotovia uma tradução inglesa de Richard Burton – não tem nada a ver com o actor, é o grande viajante e escritor do século XIX – do *Kamasutra*. Está a dar-me um gozo extraordinário. De facto, aquelas concepções do amor, as diversas variedades de beijos e de abraços são uma coisa deliciosa. **Está dedicado, portanto, às «bárbaras gentilezas perpetradas para mútuo conforto».**

Exactamente.

### **Lembra-se deste verso de um dos seus primeiros livros?**

Lembro-me muito bem. Acho que é bonito, esse verso. É engraçado tentar compreender que tipo de pensamento está por detrás daquela concepção de amor: Ultimamente, todas as noites, sento-me frente ao computador, com o livrinho aberto, dicionário ao lado e durante umas três horas traduzo. Isto só para dizer que não me sobra muito tempo para ler.

### **Qual foi a sua primeira grande emoção literária?**

Acodem-me diversos nomes à mente mas estou a tentar ordená-los cronologicamente. Penso que, por muitos motivos, terá sido o Guerra Junqueiro. **Não se pode dizer que seja um poeta em quem se veja qualquer afinidade poética consigo.**

Muito pouca. [Riso.]

### **É um dos tais poetas que corresponde a uma concepção grandiloquente da poesia.**

Exactamente. Aliás, ele considerava-se profeta e tudo o mais. Era o Poeta, por antonomásia. Mas penso que terá sido com ele que fiz essa descoberta.

### **Com A Velhice do Padre Eterno?**

Sim. O meu pai, como lhe disse, tinha alguma coisa de jacobino. Não muito. Não cresci entre livros, apesar de o meu pai ter um curso superior. Era farmacêutico. Por isso mesmo, era mais inclinado para as ciências. Não sentia um apelo grande da literatura. Um dos poucos livros que por lá havia era precisamente *A Velhice do Padre Eterno*, na edição ilustrada pelo Leal da Câmara. O meu pai, que sabia alguns dos poemas de cor, recitava-os de vez em quando: «Minha mão, minha mãe! Ai que saudade imensa/ do tempo em que ajoelhava, orando ao pé de ti. / Caía mansa a noite; e andorinhas aos pares / Cruzavam-se, voando em torno dos seus lares, / suspensas do beiral da casa onde eu nasci.»

### **Ainda sabe isso de cor.**

Realmente, fiquei impregnado. Sei de cor essa parte inicial, a introdução, em que de alguma forma Guerra Junqueiro diz o contrário do que diz depois no livro todo. O resto do livro é um conjunto de flechas – é ele próprio a chamar-lhes «flechas» ou «setas» – atiradas contra o clericalismo. Mas na introdução ele consegue um momento de apaziguamento e de nostalgia que realmente me quadrava muito bem, quando ouvia o meu pai dizer aquilo. Foi esse, se calhar, o meu primeiro alubrimento poético. Depois sucederam-se vários, naturalmente.

### **O que é que começou por lhe captar a atenção: a rima, o ritmo, a música?**

O ribombar. O bimbalar de sinos, como alguém o definiu. Nessa época, estava bastante preso a esse cânone da poesia eufónica.

### **Ainda escreveu assim?**

Ainda escrevi alguma coisa assim. E de quando em quando ainda aparecem umas coisas assim.

### **Tem umas quadras, por exemplo.**

Quadras inspiradas em quadras populares. Hoje em dia também valorizo muito isso. Acho que o lirismo popular é insuperável. Não há nenhum poeta que tenha dito... Repare, uma quadra é um conjunto de quatro versos e tem de ser extremamente densa e extremamente... como é que eu vou dizer isto?

### **Concisa e potente?**

Potente, sim. Acho bem, o adjectivo. E ao mesmo tempo carregada de lirismo. Há quadras populares extraordinárias. Quer que lhe diga uma? Veja isto: «Coitadinho de quem tem / seus amores além do rio: / quer ir vê-los e não pode, / do seu coração faz navio.» Acho isto de uma beleza extraordinária. Só o povo é que seria capaz de dizer isto. «Eu fui o que disse ao Sol / que não tornasse a nascer. / Se tenho a luz dos teus olhos / que vem o Sol cá fazer?» Acho isto uma coisa absolutamente grande.

### **Isso é uma redescoberta recente?**

Relativamente recente. Nasci nesse mundo da literatura popular, a ouvir histórias populares, provérbios, orações, benzeduras, etc.

### **Passou por algum momento de rejeição de tudo isso?**

Chamar-lhe-ia «menos atenção». Se há coisa que mantenho é respeito pelo povo e em particular pelo povo da minha terra. Portanto, nunca cheguei a rejeitar isso, apesar de em certos momentos não ser a minha primeira preocupação. Nem hoje o é. Mas tenho quase que uma veneração por certos elementos da tradição. É claro que também há muitas quadras populares que são uma chachada. Não vamos generalizar e dizer que está ali um tesouro inexaurível. Mas há quadras populares que são inimitáveis e superiores a qualquer poesia erudita. Bom, isto também é um bocadinho de *boutade*, não é. Mas às vezes temos de dizer assim umas «boutadezinhas».

### **Na sua poesia carrega influências de todos esses elementos em que foi formado ou pelo**

### **caminho deitou fora, conscientemente, uma parte da carga?**

A influência é uma coisa difícil de definir. Lembro-me de uma notazinha de Goethe em que ele dizia que não se deve perguntar ao escritor pelas suas influências porque isso é o mesmo que perguntar a um homem pelos carneiros, pelos bois e pelas vacas que comeu ao longo da vida.

### **Ou pelo salmão, «o salmão que comi ao almoço», de um dos seus poemas em *Que Comboio É Este*.**

Sim. O salmão que se apeou na estação anterior. Houve quem entendesse que isso era um trocadilho um pouquinho escatológico. Não era. Não tinha nada a ver com isso. Mas quem escreve também está sujeito a ser lido. E cada pessoa lê à sua maneira.

### **Isto vinha a propósito das influências.**

De facto, a influência é uma coisa que se joga a nível subconsciente. Se me perguntar «Quem é que o influencia mais?» se calhar não saberei responder.

### **O Joaquim Manuel Magalhães, em relação aos seus primeiros livros, identificava o D.H. Lawrence e o Robert Lowell. Eram, na altura, poetas importantes para si?**

Não. Penso que teria lido deles um poema ou dois, algures. O Lawrence até era mais conhecido como romancista. Julgo que a única coisa que tinha lido dele, na altura, era *O Amante de Lady Chatterley*. Isso são especulações que os críticos fazem e que, às vezes, são coincidências.

### **E o Camilo deixou-lhe marcas?**

Isso, sim. Na novelística. Aí, sou capaz de reconhecer influências de Camilo, do Aquilino e um pouquinho da Agustina. Um pouquinho, não muito. Sou capaz de admitir essas três influências, nomeadamente no último romance, *O Cónego*.

### **Os anos que dedicou a Camilo, com a organização das Jornadas Camilianas, entre 1984 e 1990, corresponderam a um desejo de alargar o círculo dos camilianos ou a uma vontade de lidar directamente com a obra de um dos seus escritores preferidos?**

Encarei isso sempre como trabalho. Era remunerado pela câmara para fazer coisas. Mexer com a obra de Camilo era, de facto, extremamente agradável. Sobretudo, porque reunia aqui a nata dos camilianos que faziam desses encontros momentos altos da vida e da obra de Camilo Castelo Branco. Momentos aos quais nós, depois, acrescentávamos umas colheradas de alegria. Acho que foi das coisas mais interessantes – uma vez mais corro o risco de ser mal interpretado – que se fizeram sobre qual-quer escritor, a nível nacional. Foi um conjunto de sete jornadas que marcaram, de algum modo, a maneira de fazer encontros literários em Portugal.

### **Agora, o Grémio Literário Vila-Realense, que dirige, corresponde de algum modo a esse mesmo espírito de divulgação que havia nas Jornadas ?**

Estamos a tentar. Na altura, tinha menos 20 anos e uma energia que reconheço já não ter. Eu e o Elísio



Neves, um grande companheiro nestas andanças. A ideia do grémio – uma coisa inédita, que penso que não existe em nenhum outro município de Portugal – é justamente abrir uma porta de divulgação, de promoção da literatura transmontana.

**Há, portanto, uma literatura transmontana.**

Há, quanto mais não seja de um ponto de vista puramente geográfico. Mas é mais do que isso. A minha, em muitos dos livros que escrevi, é claramente transmontana na medida em que vai buscar a matéria a Trás-os-Montes, às pessoas, aos usos, aos costumes, às terras. Mas não sou só eu que faço isso. Há muitos nomes: Trindade Coelho, Guedes de Amorim, Pina de Moraes. Nos nossos dias, o Bento da Cruz, o Modesto Navarro (embora não esteja vinculado apenas a Trás-os-Montes), o António Cabral e um conjunto de pessoas que tomam para matéria da sua escrita a realidade transmontana. **Há uma fraternidade transmontana, nas Letras?**

Eu penso que sim. E o Grémio Literário procura criar justamente esse espírito de corpo.

**Essa fraternidade é menos «tramada», para usar a sua expressão, do que entre os poetas?**

Pelo menos não é uma fraternidade contra ninguém. Isso já é muito bom. Às vezes, são capelinhas contra alguém. Neste caso, não.

**Que vasos comunicantes existem entre o criador Pires Cabral e o divulgador e organizador de encontros literários?**

A postura é a mesma. Encaro isso como uma das minhas missões. Mas consigo separar uma coisa da outra. Uma coisa é a minha carreira literária – boa ou má, que já vai em quarenta e tal títulos –, outra é aquilo que eu entendo que posso fazer a favor da literatura transmontana, no sentido de criar o tal espírito de corpo e de incentivar os escritores à escrita. **Não é preciso também, por vezes, desincentivar da escrita certos escritores?**

Bom, você está a pôr um problema que é um dos problemas reais que nós temos. É que debaixo da manta do título de escritor aparece de tudo. Aparecem escritores e aparecem pessoas que escrevem. Escrevinhadores, digamos assim. Mas o Grémio Literário, de facto, abstém-se de fazer juízos de valor. **Num meio pequeno essas coisas devem ser melindrosas.**

São melindrosas, naturalmente que sim. Como é que se diz a uma pessoa «Olhe, você está a escrever mas vá antes cavar batatas ou coisa assim»?

**Já lhe apeteceu dizer isso a alguém?**

Apeteceu, apeteceu. Mas nunca o fiz. É o problema deste tipo de organizações. Debaixo de uma designação, cabe o bom, o médio e o mau. O que significa que estamos muitas vezes coarctados da divulgação de uma literatura transmontana de qualidade.

**O que me está a dizer é que não há critério.**

Não podemos fazer juízos de valor em relação aos escritores. Não é a nossa missão. Até porque qualquer pessoa que faça um juízo de valor arrisca-se a que esse juízo seja desmentido depois pelo tempo. Mas há coisas que são tão evidentes. Eu ia-lhe mostrar aqui um exemplo mas é melhor não.

**Pode-se comparar este problema de um meio pequeno com o do meio também relativamente pequeno que é o universo da poesia?**

Penso que sim. A poesia é um macrocosmo que tem correspondência no microcosmo local. É um caso sério, lidar com pessoas, com oficiais do mesmo ofício. É sempre um caso sério.

**Isso quer dizer que há muita hipocrisia.**

Quando abro as portas deste grémio a toda a gente, tenho que assumir que estou a ser hipócrita.

**Nalguns casos abre as portas com reserva mental?**

Com reserva mental, em muitos casos. E penso que na poesia é capaz de ser a mesma coisa. A um outro nível. Mas a essência do problema é a mesma.

**Qual é o maior perigo que um poeta corre: o de não ser levado a sério ou o de se levar demasiado a sério?**

É o de se levar demasiado a sério. Em alguns momentos desta entrevista, as pessoas podem pensar que eu me levo demasiado a sério. Mas não é verdade. É um perigo que os poetas correm e seria bom que fizessem uns exercícios de modéstia. Ou de humildade. Melhor do que de modéstia, de humildade.

**Quais são os seus?**

Eu, se calhar, não os faço. Mas tenho alguma capacidade de distanciamento. ■

# N

**OS MEUS** ROMANCES MORRE IMENSA GENTE. OS PROTAGONISTAS, POR DEFINIÇÃO, MORREM SEMPRE. ÀS VEZES, ISTO DÁ-ME IDEIA QUE É UMA MANEIRA DE ME SENTIR O SENHOR DA MORTE. EU MATO QUEM QUERO.